

Beltrán 72 similis (e Lusitana 11): novas abordagens a uma “família” tipológica de ânforas de produção lusitana

Beltrán 72 *similis* (y Lusitana 11):
nueva aproximación a una "familia" tipológica de ánforas de producción lusitana

Beltrán 72 *similis* (and Lusitana 11):
new approaches to a typological "family" of lusitanian amphorae

SÓNIA BOMBICO

CIDEHUS - Universidade de Évora
sbombico@uevora.pt / ORCID: 0000-0001-5742-2202

Resumo: No presente artigo apresentamos a caracterização tipológica da ânfora de tipo Beltrán 72 *similis* de fabrico lusitano. A partir do estudo de exemplares anfóricos completos, provenientes dos naufrágios de Sud-Lavezzi 1 e Cala Reale A, ambos localizados no Estreito de Bonifácio e datados da Antiguidade Tardia, é possível distinguir e caracterizar diferentes variantes formais. Por outro lado, a revisão do estado da arte, em especial da bibliografia portuguesa disponível, permite reconhecer a existência de uma “família” tipológica de ânforas, com fabricos lusitanos, na qual se podem enquadrar as formas Lusitana 11, definida por Dias Diogo em 1987, e Beltrán 72 *similis*, cuja produção foi mais recentemente sugerida. Neste trabalho sistematizamos dos dados disponíveis sobre estas tipologias anfóricas, sobre as quais persistem muitas dúvidas.

Palavras-Chave: Ânforas; Lusitânia; Beltrán 72 *similis*; Lusitana 11; Naufrágios.

Resumen: En el presente trabajo presentamos la caracterización tipológica del ánfora Beltrán 72 *similis* de producción lusitana. A partir del estudio de ejemplares completos de ánforas procedentes de los pecios Sud-Lavezzi 1 y Cala Reale A, ambos situados en el estrecho de Bonifacio y datados en la Antigüedad tardía, es posible distinguir y caracterizar distintas variantes formales. Por otro lado, la revisión del estado del arte, especialmente de la bibliografía portuguesa disponible, permite reconocer la existencia de una "familia" tipológica de ánforas, de producción lusitana, en la que se encuentran la forma Lusitana 11, definida por Dias Diogo en 1987, y la Beltrán 72 *similis* cuya producción ha sido sugerida más recientemente. En este trabajo sistematizamos los datos disponibles sobre estas tipologías de ánforas, sobre las que persisten muchas dudas.

Palabras Clave: Ânforas; Lusitania; Beltrán 72 *similis*; Lusitana 11; Pecios.

Summary: In the present paper we present the typological characterization of the Beltrán 72 *similis* amphora of Lusitanian fabric. From the study of complete amphorae from the shipwrecks of Sud-Lavezzi 1 and Cala Reale A, both located in the Strait of Bonifacio and dating from Late Antiquity, it is possible to distinguish and characterize different formal variants. On the other hand, the review of the state of the art, especially the available Portuguese bibliography, allows us to recognize the existence of a typological "family" of amphorae, with Lusitanian fabrics, in which we can find the Lusitana 11 form defined by Dias Diogo in 1987, and the Beltrán 72 *similis* whose production was more recently suggested. In this paper we systematize the available data on these amphorae typologies, about which many doubts persist.

Key Words: Amphorae; Lusitania; Beltrán 72 *similis*; Lusitana 11; Shipwrecks

* Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Financiamento Estratégico do CIDEHUS - Universidade de Évora (UIDB/00057/2020) e do projeto MEDFISH (2022.01905. CEECIND).

1. PROBLEMÁTICA

Em 1987, Dias Diogo incluiu no “quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano” as formas Beltrán 72 e Lusitana 11 (Diogo 1987). Segundo o autor, a Lusitana 11 assemelha-se à Beltrán IIB e, por esse motivo, atribui-lhe uma cronologia provável entre os inícios do século I e os meados do II. Por seu turno, a Beltrán 72 seria datável dos séculos IV e V. Nas palavras do autor as duas tipologias apresentam pastas semelhantes, associáveis a prováveis fabricos algarvios. Ambas apresentam bastantes semelhanças formais, distinguindo-se ao nível das dimensões. A Beltrán 72 corresponderia a um módulo de pequenas dimensões, com cerca de 50 cm de altura, e a Lusitana 11 apresentaria um comprimento total de cerca de 100 cm. O autor individualiza, também, distintas tipologias de bordo no caso da Lusitana 11, e descreve a pasta destas ânforas como fina e branda, de tonalidades bege-amareladas e rosadas, com pequenos quartzos, calcites e minúsculas micas (Diogo 1987: 184). Por razões que se prendem exatamente com as características do fabrico, considerado por António Dias Diogo como “muito diferente das produções lusitanas mais características”, o autor atribui a ambas as formas uma hipotética origem algarvia.

Num artigo de 1996, Carlos Fabião chamava a atenção para o facto de Dias Diogo não ter individualizado, na sua listagem dos tipos lusitanos, as formas presentes em Sud-Lavezzi 1 e Cabrera III (Balears), enquadráveis na tipologia Beltrán 72. O mesmo autor sublinha, ainda, que esta forma é facilmente confundida com a Lusitana 11, principalmente se forem apenas identificados fragmentos de bordo (Fabião 1996: 381-382). No mesmo artigo, Carlos Fabião admite que a Beltrán 72 poderá ter sido produzida nos fornos do Martinhal (Algarve).

No entanto, a partir do final dos anos 90 do século XX, a Lusitana 11 desaparece do discurso arqueológico português e a Beltrán 72 foi “afastada” das tipologias de fabrico lusitano, pela generalidade dos autores nacionais. No artigo “Duas notas sobre ânforas lusitanas”, Carlos Fabião (1997: 66) considera ser mais plausível sugerir uma origem bética para as Beltrán 72, argumentando não existirem evidências suficientes que comprovem uma produção lusitana deste tipo anfórico. Alguns anos mais tarde, num artigo de síntese sobre as produções anfóricas lusitanas, o autor volta a reafirmar esta ideia (Fabião 2004: 397).

Efetivamente, os exemplares de Beltrán 72, recuperados no naufrágio de Cabrera III, apontam para uma origem bética. Alguns exemplares apresentam o selo ANGE, idêntico ao que ostentam as Almagro 50/Keay XVI recuperadas no mesmo contexto subaquático (Bost *et alii* 1992). Este fenómeno parece indicar a produção das duas formas no mesmo centro oleiro. Acresce

assinalar que as pastas das Almagro 50/Keay XVI do naufrágio de Cabrera III, observadas pela autora deste artigo (análise macroscópica), apontam para uma produção não lusitana (Bombico 2017: 202). Mas, se, por um lado, podemos afastar as Beltrán 72, recuperadas no Cabrera III, dos característicos fabricos lusitanos, o mesmo não podemos afirmar relativamente aos exemplares recuperados em Sud-Lavezzi 1.

A recente revisão da bibliografia disponível e o estudo dos materiais anfóricos provenientes dos naufrágios Sud-Lavezzi 1 (Liou 1982) e Cala Reale A (Spanu 1997; Gasperetti 2012), localizados no Estreito de Bonifácio, reacende inequivocamente a discussão sobre o possível fabrico da forma Beltrán 72 nas olarias da Lusitânia. As cargas destes naufrágios, datáveis entre os finais do século IV e os meados do V, incluem tipologias anfóricas análogas ao tipo Beltrán 72, cuja análise macroscópica das pastas aponta para fabricos lusitanos (Bombico 2016: 453-454; 2017: 161-163).

Somam-se, aos dados provenientes dos dois naufrágios referidos, algumas ânforas identificadas em contextos arqueológicos da Lusitânia, datados da Antiguidade Tardia, que parecem confirmar a produção lusitana de uma tipologia (ou tipologias) com clara inspiração nas formas de produção bética Beltrán IIB, Puerto Real 1 e 2, Beltrán 72 e Majuelo I.

Quando conservadas unicamente ao nível do bordo, as peças são facilmente confundidas com os tipos Almagro 50 e Keay XVI, cuja produção está atualmente confirmada para ambas as províncias hispanas (Lusitânia e Bética). No entanto, a Beltrán 72 *similis* distingue-se ao nível do colo e por apresentar diâmetros de bordo consideravelmente menores. As Beltrán 72 *similis* lusitanas possuem 8 a 12 cm de diâmetro de bordo, contrastando com os típicos 13 a 16 cm das Almagro 50, e com os 16-18 cm das Keay XVI lusitanas.

Como bem notam R. Almeida, I. Vaz Pinto, A. P. Magalhães e P. Brum (2014: 418) a forma é distinta, estando presente em Tróia e atestada nos centros oleiros de Abul e do Pinheiro. A denominação Beltrán 72 *similis* foi provisoriamente sugerida pelos autores que argumentam a necessidade de rastrear devidamente este tipo sadino.

A forma surge na olaria de Abul associada a contextos do segundo quartel do século III (Mayet e Silva 2002: 196, fig. 101, n.º 33, 37, 39 e 40), e no Pinheiro, maioritariamente em contextos da primeira metade do século IV (Mayet e Silva 1998: 241, fig. 91, n.º 113). A partir dos desenhos publicados é possível aferir que as peças de Abul apresentam diâmetros de bordo entre os 11 e os 12 cm, e que o exemplar do Pinheiro terá 9 cm de diâmetro de bordo.

A par dos exemplares das olarias do Sado, uma análise sumária da bibliografia disponível permite-nos identi-

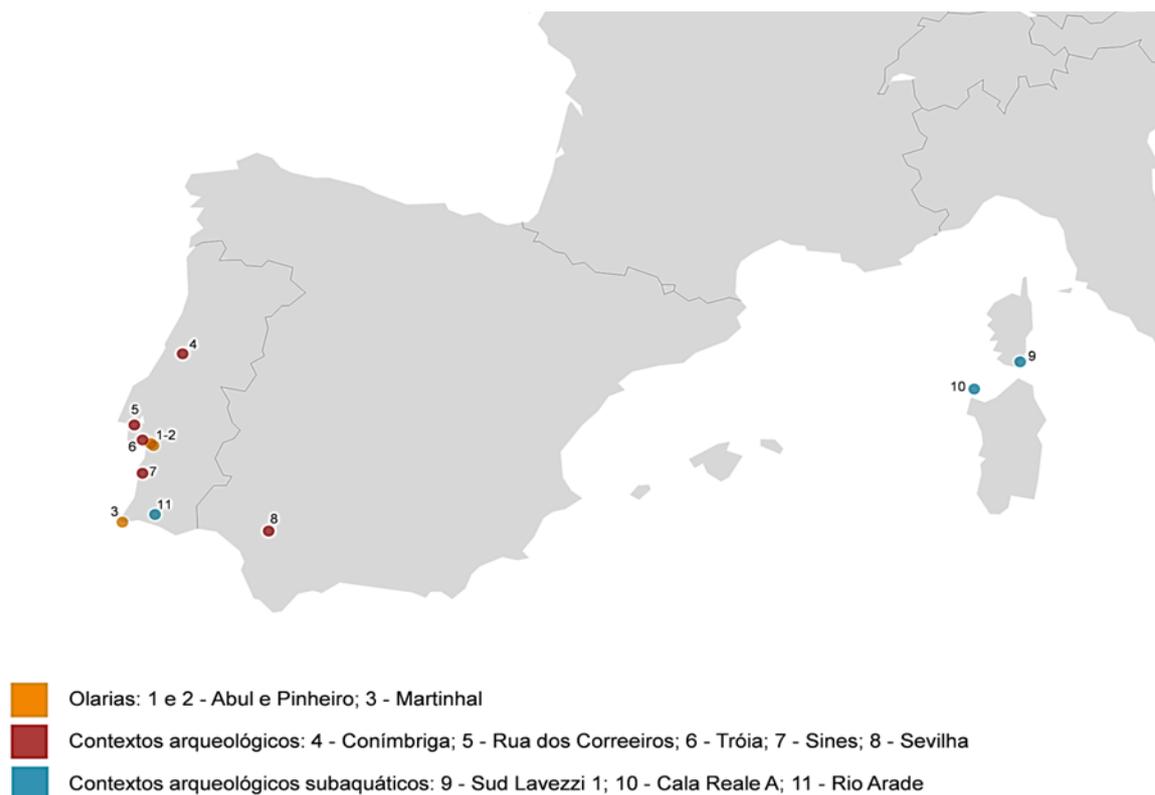


Figura 1. Localização dos sítios arqueológicos referidos no texto.

ficar exemplares enquadráveis na tipologia Beltrán 72 *similis* noutros contextos arqueológicos da Lusitânia. No seu artigo de 2004, Carlos Fabião refere a produção de “formas tardias de difícil caracterização” nas olarias da Quinta do Rouxinol (Tejo) e do Martinhal (Algarve), cujas características formais podem ser observadas nas figuras 9 e 13 da referida publicação (Fabião 2004: 391 e 398). Formas essas que se enquadram perfeitamente na tipologia Beltrán 72 *similis*. (Fig. 2)

Ainda que a sua produção na olaria do Martinhal (Algarve) não tenha sido confirmada, pelos estudos mais recentes (Bernardes *et alii* 2013), esta é uma hipótese que não devemos excluir, antes pelo contrário. Devemos ter em consideração a existência de fragmentos de bordo de “pequeníssimas dimensões” do tipo Martinhal 2, variante B (Bernardes *et alii* 2013: 321), de entre os quais se destaca uma representação gráfica bastante sugestiva (Bernardes *et alii* 2013: 323, fig. 6, n.º12) que nos aponta para uma forma enquadrável no tipo Beltrán 72 *similis*.

Na unidade de preparados de peixe da Rua dos Correeiros, em Lisboa, foram recuperados, pelo menos, dois exemplares enquadráveis na tipologia Beltrán 72 *similis*, cujas descrições de pastas apontam para prováveis produções lusitanas (Bugalhão 2001: 164, 105 e 139, figs. 69 e 92). Uma das peças apresenta cor 2.5 YR 5/6, com pasta branda e porosa, elementos não plásticos de pequena e média dimensão, quartzos rolados, micas brancas, feldspatos, partículas de cerâmica moída e

elementos vegetais. A segunda peça apresenta cor 2.5 YR 5/4, com pasta acastanhada branda e pouco depurada, abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, entre os quais se destacam as micas brancas, os quartzos leitosos e hialinos, os feldspatos e, em menor quantidade, partículas de cerâmica moída.

Essas peças encontram paralelo formal nas produções das olarias sadinas de Abul e do Pinheiro. No entanto, a sua preservação, apenas ao nível da parte superior (bordo, colo e parte superior do corpo), não permite um enquadramento tipológico nas variantes formais que descreveremos mais adiante neste artigo. A partir dos desenhos publicados é possível atestar que as ânforas, recuperadas na Rua dos Correeiros, possuem bordos com cerca de 11 cm de diâmetro.

Exatamente idênticas às peças provenientes da Rua dos Correeiros são duas ânforas recuperadas no Rio Arade (Algarve), classificadas por J. P. Cardoso como Lusitanas 11 (Cardoso 2013: 32, peças 5817.01.05 e 5817.01.06). O mesmo autor identifica outra ânfora da mesma família, entre os exemplares recuperados no fundão de Tróia (Cardoso 2013: 22, peça 4621.03.28).

Em Conímbriga salta à vista uma peça (Alarcão 1976: 85, Pl. 21, n.º 34) igualmente enquadrável no tipo Beltrán 72 *similis*, cuja leitura do desenho permite adiantar que terá cerca de 50 cm de comprimento total e um diâmetro de bordo que ronda os 8 cm. A análise é enriquecida pela identificação de um conjunto de nove bordos, enquadrá

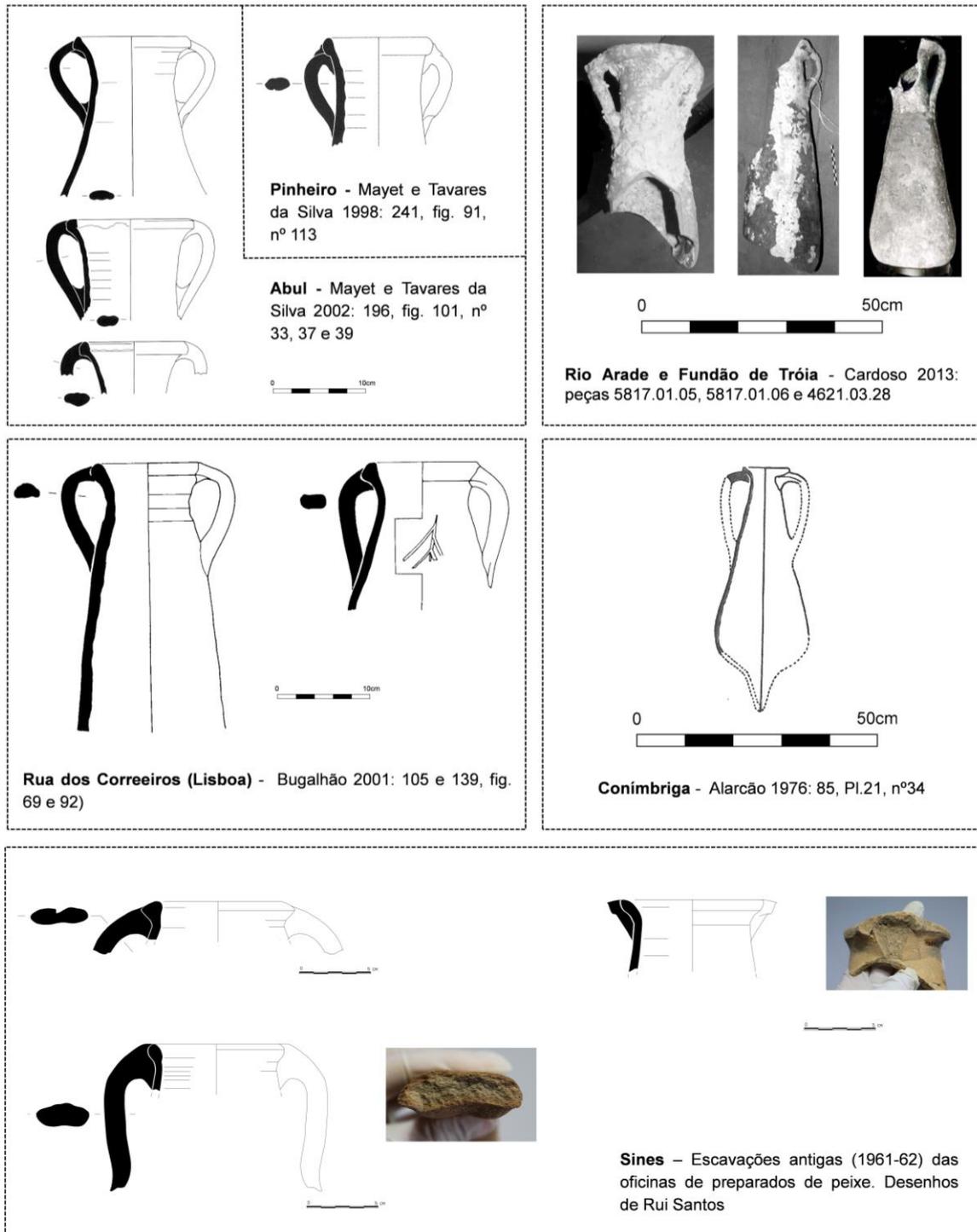


Figura 2. Exemplos de Beltrán 72 *similis* identificados em contextos arqueológicos da Lusitânia.

veis na tipologia Beltrán 72 *similis*, de entre os materiais cerâmicos das escavações antigas (1961-62) das oficinas de preparados de peixe do centro histórico de Sines. Com diâmetros médios de bordo que rondam 8 a 10 cm, as peças apresentam pastas enquadráveis nas produções do Tejo-Sado (Bombico, *no prelo*).

Fora do território lusitano, destaca-se também a provável presença de Beltrán 72 *similis* de fabrico lusitano em *Hispalis* (García Vargas 2007: 343).

2. BELTRÁN 72 *SIMILIS*

2.1. Características formais e variantes

Com base nos exemplares disponíveis, a Beltrán 72 *similis* caracteriza-se por um corpo piriforme, um colo que praticamente não se diferencia do corpo e um bico fundeiro cónico invertido, oco e tendencialmente alongado. As ânforas apresentam variações de comprimento/altura entre os 50 cm e os 70 cm. O bordo apresenta diâ-

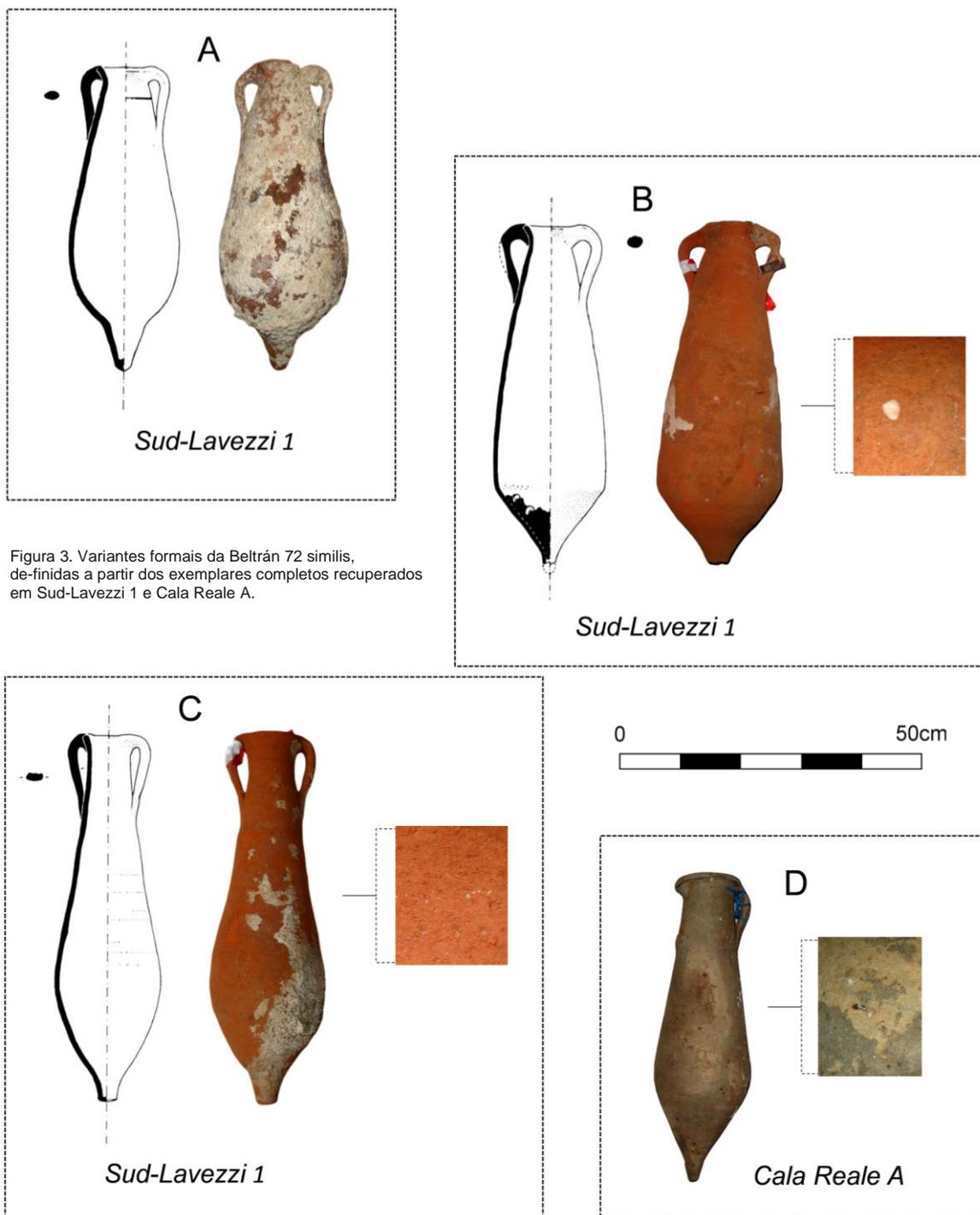


Figura 3. Variantes formais da Beltrán 72 similis, de-finidas a partir dos exemplares completos recuperados em Sud-Lavezzi 1 e Cala Reale A.

metros entre os 8 cm e os 12 cm, registando diversas variantes. Este é normalmente esvasado e de secção triangular pendente, por vezes é levemente arredondado. A asa arranca diretamente do bordo (Fig. 3).

2.2. Uma proposta de sistematização tipológica, a partir de exemplares completos

A partir da análise de ânforas completas, provenientes dos naufrágios de Sud-Lavezzi 1 e Cala Reale A é possível definir, pelo menos, quatro variantes enquadráveis no tipo Beltrán 72 *similis*. Estas apresentam dimensões dis-

tintas e características formais ligeiramente diferenciadas ao nível do bordo, das asas e do corpo.

Variante A: Modelo tipológico recuperado no naufrágio de Sud-Lavezzi 1. Têm 51 cm de altura, bordo de secção triangular, levemente esvasado, do qual parte uma asa de secção subcircular. Apresenta corpo piriforme e um fundo cónico invertido. Esta variante é similar à forma, de provável origem Bética, recuperada do naufrágio de Cabrera III.

Variante B: É, igualmente, um modelo tipológico recupera-

rado do naufrágio de Sud-Lavezzi 1. Possui cerca de 60 cm de altura, um bordo de secção sub-triangular, levemente arredondado, do qual parte uma asa de secção subcircular. Apresenta um corpo piriforme e um fundo cónico invertido.

Variante C: Variante de maiores dimensões recuperada do naufrágio de Sud-Lavezzi 1, com um comprimento total de cerca de 70 cm. Apresenta um bordo de secção sub-triangular do qual parte uma asa em fita, de secção sub-rectangular ou elíptica. Tem um corpo piriforme e um fundo cónico invertido.

Variante D: Corresponde a um modelo anfórico recuperado do naufrágio de Cala Reale A. Apresenta um comprimento que varia entre os 52 e os 55 cm, e um bordo de secção sub-triangular arredondado do qual parte uma asa em fita, de secção sub-rectangular ou elíptica. Corpo piriforme e um fundo cónico invertido.

2.3. Fabricos

Os fabricos dos exemplares de Beltrán 72 *similis* dos naufrágios de Sud-Lavezzi 1, Cala Reale A e Sines enquadram-se nas pastas típicas feitas olarias do Tejo-Sado. Estas pastas são maioritariamente avermelhadas, alaranjadas ou acastanhadas, ocasionalmente com o cerne cinzento-esverdeado ou castanho. Feitas com argila não calcária pouco dura, a textura é média-grosseira, geralmente com bastantes inclusões brancas translúcidas (quartzo) e outras, menos abundantes, branco sólido (feldspato).

Essas pastas também apresentam muitas partículas brilhantes (mica) e pequenos nódulos ferruginosos ou pretos (óxidos de ferro). Inclusões maiores podem ser enroladas e arredondadas, juntamente com outras que são um pouco menores e angulares, ou podem ser relativamente subangulares e angulares, de vários tamanhos (Mayet *et alii* 1996).

Os exemplares únicos das variantes A, B e C de Sud-Lavezzi 1 apresentam colorações de pastas laranja-avermelhadas, bastante porosas, nas quais saltam à vista pequenos nódulos negros e ferruginosos, assim como nódulos de cerâmica e inclusões pétreas brancas roladas, ambas com dimensões médias. Por seu turno, os seis exemplares de Beltrán 72 *similis*, recuperados do naufrágio de Cala Reale A, apresentam pastas igualmente porosas de tons acastanhados, nas quais se distinguem nódulos ferruginosos e negros, inclusões pétreas brancas angulosas e pequenos nódulos de cerâmica alaranjados.

A forma parece ter sido produzida, pelo menos, nas olarias sadinhas de Abul e Pinheiro (Mayet e Silva 1998 e 2002). No entanto, é provável que também tenha sido

produzido noutras olarias localizadas no Tejo e no Algarve, como vimos anteriormente.

3. CRONOLOGIA E CONTEÚDO

Os dados arqueológicos apontam para uma produção e comercialização do tipo Beltrán 72 *similis* entre os meados do século III e os meados do século V conforme parecem atestar os dados cronológicos das unidades de produção no Sado – Abul (Mayet e Silva 2002) e Pinheiro (Mayet e Silva 1998), assim como as datações apontadas para os naufrágios referidos – Sud-Lavezzi 1 (Liou, 1982) e Cala Reale A (Spanu 1997; Gasperetti 2012).

No que concerne ao conteúdo, é bastante provável que as ânforas Beltrán 72 *similis* fossem contentores destinados ao transporte de salgas e preparados de peixe, à semelhança da maioria dos contentores anfóricos produzidos na Lusitânia, em especial nas olarias do Sado. Análises dos macrorestos das Beltrán 72 *similis* de Cala Reale A atestam a presença de sardinha (*sardina pilchardus*), sugerindo um conteúdo de *piscis salsus*, ou seja, sardinhas conservadas inteiras, incluindo as escamas (Delussu e Wilkens 2000: 60).

4. CONCLUSÕES

Os dados apresentados neste artigo relançam a discussão sobre a produção, nas olarias da Lusitânia, de um conjunto de formas anfóricas que se enquadram na tipologia Beltrán 72 *similis*.

Apesar das dificuldades que persistem na caracterização desta “família” tipológica, é inequívoco que existem formas claramente diferentes da Almagro 50 e da Keay XVI lusitanas. A sua individualização foi facilitada pela existência de exemplares completos recuperados de alguns naufrágios, mas também é evidente a possibilidade de diferenciação a partir de fragmentos de bordo. Isto foi possível no estudo dos materiais cerâmicos de Sines, onde as pequenas dimensões dos diâmetros dos bordos arestas destas peças se tornaram imediatamente evidentes.

O grande obstáculo na identificação destas formas reside, exatamente, na sua fraca representatividade nos sítios arqueológicos. Em Sines correspondem a apenas 5,9 % do total do conjunto anfórico estudado (Bombico, *no prelo*), e os dados disponíveis em Tróia e nas olarias do Sado apontam para uma presença e uma produção bastante minoritária.

Acreditamos que este nosso trabalho traz novos dados, e contributos inovadores, que enriquecem o debate sobre a produção de ânforas na Lusitânia.

Bibliografia

- Alarcão, J. 1976: “Les Amphores”, *Fouilles de Conímbriga VI: céramiques diverses et verres*, Paris, 79-91.
- Almeida, R., Pinto, I. V., Magalhães, A. P. y Brun, P. 2014: “Ânforas piscícolas de Tróia. Contextos de consumo versus contextos de produção”, in R. Morais, A. Fernández y M. J. Sousa (eds): *As produções cerâmicas de imitação na Hispanica - Monografias Ex Officina Hispana II*. Actas do II Congresso Internacional da SECAH (Braga, 3 a 6 de Abril de 2013), Braga, 405-423.
- Bernardes, J. P., Morais, R., Pinto, I. V. e Dias, R. 2013: “A olaria baixo-imperial do Martinhal, Sagres (Portugal)” in D. Bernal, L. C. Juan, M. Bustamante, J. J. Díaz and A. M. Sáez (eds): *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania. Actas do I Congresso Internacional da SECAH - Ex Officina Hispana* (Cádiz, 3 a 6 de Abril de 2011), Cádiz, 317-329.
- Bombico, S. 2016: “Lusitanian Amphorae on Western Mediterranean Shipwrecks: Fragments of Economic History”, in I. V. Pinto, R. Almeida e A. Martin (eds): *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, 445-460.
- Bombico, S. 2017: *Economia Marítima da Lusitânia Romana: Exportação e Circulação de Bens Alimentares*. Tese de Doutoramento em História, Universidade de Évora. Inédita. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21051>
- Bombico, S. (no prelo): “Amphorae from Sines (Portugal): old excavations in the fish-processing factories”, in M. A. Cau Ontiveros, J. M. Macias i Solé e A. Ribera i Lacomba (eds): *LRCW7: The End of Late Roman Pottery. The last centuries at the crossroads*, Oxford.
- Bost, J. P., Campo, M., Colls Y Puig, D., Guerrero Ayuso, V. e Mayet, F. 1992: *L'épave Cabrera III. Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du IIIème siècle après Jésus-Christ*, Bordeaux.
- Bugalhão, J. 2001: *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo arqueológico da rua dos Correeiros*. Trabalhos de Arqueologia, 15, Lisboa.
- Cardoso, J. P. 2013: *Ânforas romanas recuperadas em meio subaquático em Portugal*, Lisboa.
- Delussu, F. e Wilkens, B. 2000: “Le conserve di pesce. Alcuni dati da contesti italiani”, *Mélanges de l'école française de Rome* 112, 53-65.
- Diogo, A. M. D. 1987: “Quadro Tipológico das ânforas de fabrico lusitano”, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 5, 179-191.
- Fabião, C. 1996: “Sobre a Tipologia das ânforas da Lusitânia”, *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado – Actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, 371-390.
- Fabião, C. 1997: “Duas notas sobre ânforas lusitanas” *Al-Madan II*, Série 6, 55-68.
- Fabião, C. 2004: “Centros oleiros da Lusitania. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação”, em D. Bernal y L. Lagóstena (eds.): *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a. C. – VII d. C.)*, Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003), British Archaeological Reports - Int. Ser. 1266, Oxford, 379-410.
- García Vargas, E. 2007: “Hispalis como centro de consumo desde época Tardo Republicana a la Antigüedad Tardía. El testimonio de las ánforas”, *Anales de Arqueología Cordobesa* 18, 317 -360.
- Gasperetti, G. 2012: “L'attività del Servizio per l'Archeologia Subacquea della Soprintendenza per i beni archeologici per le province di Sassari e Nuoro. Un caso significativo”, *Erentzias I*, 293-305.
- Liou, B. 1982: “Direction des recherches archéologiques sous-marines”, *Gallia* 40(2), 437-454.
- Mayet, F., Schmitt, A. e Silva, C. T. da (1996): *Les amphores du Sado (Portugal)*, (Portugal). *Prospection des fours et analyse du matériel*, Paris.
- Mayet, F. e Silva, C.T. 1998: *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*, Paris.
- Spanu, P.G. 1997: “Il relitto A di Cala Reale (Asinara)”, *Atti del convegno nazionale di archeologia subacquea* (Anzio, 30-31 May and 1 June 1996), Bari, 109-119.